



## **NARRADOR MACHADIANO: REPRESENTAÇÕES E TRANSGRESSÕES DO ESPAÇO FEMININO OITOCENTISTA EM A SEMANA**

**Nelson de Jesus Teixeira Júnior\***

**Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC**

[j-nelson2004@ig.com.br](mailto:j-nelson2004@ig.com.br)

**Patrícia Kátia da Costa Pina\*\***

**Universidade Estadual de Santa Cruz – UESC**

[dacostapina@gmail.com](mailto:dacostapina@gmail.com)

**RESUMO:** Este artigo visa estudar a crônica datada de **24 de março de 1895** da série **A semana**, de Machado de Assis, buscando analisar como se dá a representação e transgressão do espaço feminino oitocentista nesse texto, isso, por meio da análise das ações performáticas do narrador na referida narrativa. O presente texto transita pela idéia de representação (Pollock, Goffman), leitor implícito (Iser), disciplina (Foucault), etc. Traçando, com isso, uma fundamentação teórica multidisciplinar para dar maior sustentabilidade à proposta em questão.

**PALAVRAS-CHAVE:** Século XIX – Representação – Feminino – Narrador – Leitor.

**ABSTRACT:** This article aims to study the chronic of dated march 24, 1895 from the series **A semana** by Machado de Assis, trying to analyze how the representation is given and transgression of female space in the nineteenth century text, so, through the analysis of performed of the narrator in the narrative. This text passes through the idea of representation (Pollock, Goffman), impled reader (Iser), discipline (Foucault) etc. Tracing thus a multidisciplinary theoretical basis to gave a greater sustainability to the proposal in question.

**KEYWORDS:** Siglo XIX – Representation – Female – Narrator – Reader.

---

\* Graduado em Letras (2008) pela Universidade Estadual de Santa Cruz (Ilhéus-BA) e Mestrando, também em Letras, pela mesma universidade. Atualmente é Bolsista da CAPES e participa do grupo de Pesquisa História da Literatura e História da Leitura.

\*\* Doutora em Literatura Comparada pela Universidade do Estado do Rio de Janeiro (2000). Professora adjunta de Literatura Brasileira da Universidade Estadual de Santa Cruz, em Ilhéus, onde desenvolve projeto de pesquisa relacionado às questões sobre leitor e leitura, bem como à literatura.

[...] a obra é feita não duas vezes, mas cem vezes, mil vezes, por todos aqueles que se interessam por ela, que têm um interesse material ou simbólico em a ler, classificar, decifrar, comentar, reproduzir, criticar, combater, conhecer, possuir.<sup>1</sup>

Muito embora essa epígrafe esteja se referindo principalmente às apropriações concretas operacionalizadas sobre a arte enquanto *constructo* intelectual, social e político, não podemos retirar dessas apropriações aquelas realizadas pelo próprio narrador da obra de arte, nesse caso, da crônica. Ver o narrador enquanto leitor e construtor de sentido não significa dizer que estamos apenas no plano simbólico e ficcional, posto que, as representações “sempre” fizeram parte do cotidiano humano e, nesse caso, vale refletir um pouco em como a representação é pensada por Goffman (1996) em seu livro **A representação do eu na vida cotidiana**, especificamente no capítulo “Representações”:

Venho usando o termo “representação” para me referir a toda atividade de um indivíduo que se passa num período caracterizado por sua presença contínua diante de um grupo particular de observadores e que tem sobre estes alguma influência.<sup>2</sup>

Logo, aplicando essa idéia de representação a este estudo, entendemos que o narrador ocupa um lugar de “fala” – o jornal – que é observado por muitos – os leitores – então, esse narrador machadiano também usa as representações enquanto formas de aproximação de seus leitores, sejam eles imaginários ou não.

Essa discussão aqui iniciada permite-nos deixar claro o tipo de interlocutor que lançaremos mão, que é aquele introjetado na obra, o qual é tão real quanto imaginário. Os pressupostos teóricos que viabilizam esse estudo acerca desse tipo de leitor é a Teoria do Efeito Estético, conforme o desenvolvimento efetuado por Wolfgang Iser (2002), o qual entende que o texto traz determinadas estruturações que dialogam com o tempo e o leitor:

[...] do ponto de vista da estética da recepção, o texto apenas se “concretiza” através da atuação do leitor e que, devido a isso, não pode simplesmente ser compreendido como uma partitura de

---

<sup>1</sup> BOURDIEU, Pierre. **As regras da arte**: gênese e estrutura do campo literário. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Cia. das Letras, 1996.

<sup>2</sup> GOFFMAN, Erving. “Representações”. In: \_\_\_\_\_. **A representação do eu na vida cotidiana**. 7 ed. Petrópolis: Vozes, 1996, p. 29.

instruções que por si própria já assegurassem a sua transformação em forma significativa.<sup>3</sup>

Conforme notamos acima, os textos, na citada perspectiva, reinventam, através dos atos de fingir, o mundo com o qual dialogam e interagem, nesse caso, essa reinvenção vem estruturada na obra, por meio da construção de elementos provocadores de reflexão, pois o texto sempre aponta para o externo (o leitor...), seja no momento de sua produção ou no de sua apropriação.

Esse trabalho visa estudar a representação do espaço feminino na crônica datada de **24 de março de 1895**, da série **A semana**, de Machado de Assis, isso, a partir da análise reflexiva de como se dá a entrada do feminino na referida crônica, posto que, no final do oitocentos brasileiro, o gênero, a cor e posição social eram sinônimos de status. Mesmo estando inserido em uma época marcada pela mordaza ao feminino, o narrador na crônica machadiana transgride esse espaço real e constrói, por meio da representação, um espaço em que o feminino não é silenciado, isso tudo por meio da crônica que revisitava o cotidiano e reconfigurava esse espaço predominantemente masculino.

Antes mesmo de partir para a análise proposta é preciso deixar claro que há muitas idéias acerca da representação e, inclusive, já expusemos uma logo no início desse texto, entretanto, entendemos que essas idéias não esvaziam a problematização que esse termo traz consigo. Diante disso, lançamos mão, novamente, de uma outra idéia de representação que ainda usaremos nesse texto, a qual:

[...] deve ser entendida como uma relação social constituída e exercida por meio de apelos específicos à visão, de manipulações específicas de espaços e de corpos imaginários para o benefício do olhar [...].<sup>4</sup>

Logo, entender a representação como algo “manipulável” (consciente ou inconscientemente) permite-nos enxergar a narrativa machadiana em estudo como um constructo em que o narrador machadiano permitirá ao leitor da série **A semana**, por meio da ressignificação do espaço carioca oitocentista, visitar seu cotidiano com outro

---

<sup>3</sup> ISER apud GUMBRECHT, Hans Ulrich. “A teoria do efeito estético de Wolfgang Iser.” In.: LIMA, Luiz Costa. (Org). **Teoria da Literatura e suas fontes**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2002. p. 989 – 1011. vol. 2.

<sup>4</sup> POLLOCK apud SILVA, Tomaz Tadeu da. **O currículo como fetiche: a poética e a política do texto curricular**. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 33.

olhar, enxergando o outro (nesse caso, o feminino) não como inferior, ameaçador ou dispensável, mas, como um outro que configura e transforma, também, o espaço carioca.

Nessa narrativa datada de **24 de março de 1895**, o leitor oitocentista é levado a realizar uma reflexão sobre a condição das feiticeiras na sociedade carioca, entretanto, o narrador ao dar espaço ao feminino marginalizado – já que as feiticeiras além de serem mulheres independentes, transgrediam a lei exercendo essa atividade “ilegítima” frente à república – terminava trazendo à tona a questão da mulher pobre e/ou negra como uma trabalhadora e transgressora de ordens e valores vigentes que construíam e ampliavam outras verdades. Nesse trecho, o narrador põe em cheque o próprio código vigente, o qual atua como um “crivo da verdade”, ou melhor, de uma verdade reduzida à disciplina, conduta, e outras atividades que não colocavam em risco o poder do “código” vigente:

A autoridade recolheu esta semana à detenção duas feiticeiras e uma cartomante, levando as ferramentas de ambos os ofícios. Achando-se estes incluídos no código como delito [...]

[...]

A psicologia do código é curiosa. Para ele, os homens só crêem aquilo que ele mesmo crê; fora dele, não havendo verdade, não há quem creia outras verdades – como se a verdade fosse uma só [...].<sup>5</sup>

Em ambos os parágrafos retirados da narrativa machadiana, o narrador traz também para o leitor, a própria noção de verdade e crença como algo pessoal, logo, ao código querer impor uma crença de forma autoritária, retirava o direito da liberdade conquistado, também, com a abolição da escravatura há alguns anos antes. Nesse caso, o próprio código vigente atuava como o novo senhor que promove uma outra forma de escravidão: a servidão indiscutível às ordens do código republicano, o qual mesmo sem rosto definido, continuava com os chicotes na mão a dar nas costas do primeiro, nesse caso primeira, a querer burlar às ordens.

Lembrando, ainda, que diante desse outro olhar exercido pelo narrador machadiano acerca do código e da própria ocupação feminina no trabalho nessa época,

---

<sup>5</sup> ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Obra completa**. 5 ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1985, p. 646; 647. vol. III.

segundo os padrões vigentes, a mulher de “bem” não poderia exercer atividades que ultrapassassem as paredes de casa ou da vigilância masculina, o que nos permite enxergar um ato de transgressão praticado, também, pelo narrador, ao se posicionar ao lado das feiticeiras tendo-as como construtoras de outras verdades.

Sobre essas várias verdades viabilizadas pela literatura brasileiras, especificamente a do século XIX, França (1999)<sup>6</sup> reflete sobre o Rio de Janeiro representado em algumas obras literárias brasileiras que circulam no espaço carioca do oitocentos, fazendo um paralelo entre o Rio de Janeiro real e o Rio de Janeiro ficcional apontando para as “dessemelhanças” existentes entre esses Rios. Nessa análise do autor, o mesmo constata que a literatura não se prende apenas à cor local do espaço brasileiro, mas, também, insere por meio das representações, parte dessa hibridização presente no Brasil do dezenove e, ainda mais, conferindo-lhe um *lócus* que era reservado à burguesia masculina.

O que indica que a literatura oitocentista, mesmo habitando um espaço amordaçado pelas mais diferentes pretensões políticas e patriarcais existentes e, em sua grande maioria excludente e exclusivista, também atuava como transgressora desse *habitat*, isso, por meio da pintura de um Rio de Janeiro possível, menos intolerante ao outro e provocador de mudanças sociais e políticas. O que caba acontecendo nesse texto machadiano, conforme estamos e continuaremos vendo.

O narrador machadiano deixa clara, desde o início da crônica, uma preocupação em chamar a atenção dos leitores ortodoxos, intelectuais, os formadores de opinião, aqueles que ditavam as regras de convívio, acerca dessa questão das atividades profissionais realizadas: “Peço a atenção das pessoas cultas”.<sup>7</sup> Há nessa citação o jogo com o duplo sentido, podendo-se entender culto como aqueles que detêm o poder (leitura, aquisição financeira, *status*...) ou mesmo entender culto como uma crítica irônica aos que se consideravam culto e, sob o olhar da ignorância, não enxergava o real valor das feiticeiras e suas respectivas práticas exercidas no cenário carioca do século XIX.

---

<sup>6</sup> FRANÇA, Jean M. Carvalho. **Literatura e sociedade no Rio de Janeiro oitocentista**. Rio de Janeiro: Imprensa Nacional – Casa da Moeda, 1999.

<sup>7</sup> ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Obra completa**. 5 ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1985, p. 646. vol. III.

Esses tipos de interlocutores, descritos até aqui, eram, na verdade, leitores implícitos, conforme reflete Iser (1997)<sup>8</sup>, o qual entende que a participação do leitor no processo de leitura relaciona-se à natureza perspectivística do texto, dado que seus elementos condicionam, em parte, determinadas reações. Dessa maneira, a idéia de leitor implícito é de grande relevância no desenvolvimento da leitura estética, pois, aliada aos estímulos produzidos no imaginário do leitor, o incita a assumir um papel ativo na construção da ficção e, talvez, em seu próprio espaço de habitação, posto que todo texto provoca um certo efeito e que, nesse caso em análise, um efeito que possibilitava a discussão e construção de um Rio de Janeiro mais tolerante.

Voltando a outra discussão que o trecho em análise da narrativa machadiana provoca, a profissão em questão (feiticeiras) trazia outras implicações para a sociedade fluminense, tendo em vista que se tratava de uma atividade predominantemente feminina e transgressora, já que: “[...] tanto a heresia como a feitiçaria foram paulatinamente sendo demonizadas pela cultura dominante [...]”.<sup>9</sup> Essa “endemonização” atribuída pelo poder das elites, principalmente medievais, aponta para o caráter político que as feitiçarias traziam em si, haja vista que essa profissão não aceitava o espaço masculino como hegemônico.

É válido citar, também, que o chamado exposto na crônica machadiana: “Peço a atenção das pessoas cultas...” não se dá apenas por educação, o narrador da narrativa tem interesse em: dizer, como dizer e para quem dizer, visto que “[...] os textos incitam pactos de leitura, espécie de regras, de dicas para a entrada do leitor no seu universo de significações”.<sup>10</sup> Então, nesse trecho machadiano em análise, o narrador busca a elite burguesa, a qual ainda defendia seu arcaico *status quo*. Ao trazer para o espaço do impresso as feiticeiras e, ainda por cima, defendê-las, o narrador transgride a hegemonia do discurso masculino sobre o espaço carioca e representa um espaço possível da ocupação do feminino ao, sendo masculino, defender o gênero abertamente no jornal, espaço do real.

---

<sup>8</sup> ISER, Wolfgang. **O ato da leitura**: uma teoria do efeito estético. São Paulo: Ed. 34, 1997.

<sup>9</sup> SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 280.

<sup>10</sup> CURY, Maria Zilda Ferreira; FONSECA, Maria Nazareth Soares; WALTY, Ivete Lara Camargos. **Palavra e imagem**: leituras cruzadas. Belo Horizonte: Autêntica, 2006, p. 45.

A feitiçaria enquanto profissão trazia em torno de si uma mística em que elas não deveriam nunca ter filhos e nem manter relações sexuais, posto que, seus úteros seriam "corrompidos" pela energia masculina, algo altamente prejudicial para o seu propósito. Com isso, essa profissão tornava-se, antes de tudo, transgressora de valores, de códigos.

[...] foi a feitiçeira que mais ódio gerou, porque corporificou, de maneira exemplar, o embate entre dois mundos: o da cultura popular, da tradição popular, da tradição oral e iletrada [...] e o da cultura erudita, letrada, escrita, exclusiva a um número restrito de intelectuais [...].<sup>11</sup>

Essa certa ameaça provocada pela feitiçaria se dá, talvez, pelo fato de que na “lei” da feitiçaria, o feminino é quem domina e controla as forças e o homem não tem espaço nessa esfera de comando, o que coloca em vigência outros códigos, diferentes daqueles que proibiam e inibiam essas práticas.

Cabe citar ainda, que essa feitiçaria trazia a tona um ar de brasilidade, e não de europeísmo típico da idade média. A feitiçaria em questão é bastante alusiva à cultura negra, o que nos possibilita entender que essa prática reforçava uma identidade local bem diferente da ostentada pela burguesia decadente da época:

As feitiçeras tinham consigo uma cesta de bugigangas, aves mortas, moedas de dez e vinte reis, uma perna de ceroula velha, saquinhos contendo feijão, arroz, farinha, sal, açúcar, canjica, penas e cabeças de frangos.<sup>12</sup>

Esse trecho permite uma leitura daquilo que já estava entre nós e fazia parte de nossa identidade, o hibridismo multifacetado que formava a sociedade brasileira.

Ao narrador dar espaço à cultura negra existente em nosso país, chamando a atenção da elite leitora, era na verdade, uma maneira de provocar uma reflexão acerca do próprio cotidiano carioca, um cotidiano que não devia ser passado despercebido e, nesse caso, a crônica era a forma ideal de levar de maneira breve, essa informação ao leitor: de que os ares cariocas não representavam mais o protótipo parisiense, e sim, de uma cultura que começava a acentuar sua identidade. Identidade essa que não expulsava

---

<sup>11</sup> SOUZA, Laura de Mello e. **O diabo e a terra de Santa Cruz**: feitiçaria e religiosidade popular no Brasil colonial. São Paulo: Cia. das Letras, 1995, p. 291-292.

<sup>12</sup> ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Obra completa**. 5 ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1985, p. 646. vol. III.



o feminino, o híbrido e a diversidade. Refletindo um pouco mais sobre essa repulsa à prática da feitiçaria, vale pensar acerca do que Foucault diz em um de seus livros:

A ‘disciplina’ não pode se identificar com uma instituição nem com um aparelho; ela é um tipo de poder, uma modalidade para exercê-lo, que comporta todo um conjunto de instrumentos, de técnicas, de procedimentos, de níveis de aplicação, de alvos [...].<sup>13</sup>

Então, aplicando essa idéia foucaultiana de disciplina à crônica em estudo, podemos entender que vigiar as ações das feiticeiras reprimindo-as com prisões terminava sendo uma disciplina instituída às mulheres (que realizavam essas atividades) e à profissão (considerada subversiva e clandestina). Por outro lado, o narrador (usando o *locus* produzido pelo impresso) negocia esse poder disciplinador ao legitimar a profissão das feiticeiras e defendê-las em pleno impresso.

Continuando a leitura da crônica da série **A semana**, nesse íterim de informação, o narrador machadiano vai descrevendo a importância dessa prática no meio carioca, levando o leitor da narrativa a ver a renda produzida por tal profissão e, ainda, à prática abusiva do poder público, ao reprimir tais comportamentos. Essa descrição machadiana era, ainda, um meio de informar ao leitor sobre seu cotidiano, posto que:

[...] é no comentário sobre os assuntos de natureza política que a crônica de Machado de Assis, muitas vezes, nos dará mostras de seu interesse. Ao acompanharmos o vaivém das variedades das quais, por essa época, esse texto se constitui, já nos damos conta da existência de um narrador que alinhava os acontecimentos da semana, diversos que sejam, costurando-os em um texto único [...].<sup>14</sup>

Assim, conforme podemos perceber na citação acima, a leitura do quanto a prática de feitiçaria produzia financeiramente era menos importante do que a crônica poderia provocar no leitor burguês, o qual trazia em seus valores, a mancha do preconceito racial e ainda, a rispidez em combater intensivamente tudo que se relacionava ao gênero feminino.

O narrador ao realizar esse processo descritivo que envolvia as práticas da feitiçaria, atividade também ligada ao candomblé, religião afro, o cronista combate a visão conservadora daqueles que poderiam sustentar sua ideologia em cima da religião

<sup>13</sup> FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 24 ed. Petrópolis: Vozes, 2001.

<sup>14</sup> CHALLOUB, Sidney; PERREIRA, Leonardo Affonso de Miranda. **A História contada**: capítulos de história social da literatura no Brasil. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1998, p. 71.



católica ou protestante, ou seja: reprimo por que está escrito – o mesmo que aconteceu com os colonizadores ao chegarem aqui no Brasil – tudo em nome de Deus. Dar espaço ao gênero feminino, para o cronista, não se configurava em apenas citar, mas ainda, refletir e provocar o interlocutor acerca do que representava o feminino e algumas de suas práticas no cenário fluminense.

Na mesma crônica em análise, podemos deparar com a luta travada pelo narrador, em levantar possíveis questionamentos que o leitor, no ato da leitura, poderia fazer, sugerindo uma intenção em querer convencer o interlocutor de que a aceitação da feitiçaria é algo pertinente, inteligente e inquestionável, visto que sai da própria imaginação do povo. Para isso, o narrador recorre à leitura da literatura mundial:

Não se diga que a feitiçaria é ilusão das pessoas crédulas. Sou indigno de criticar um código, mas deixem-me perguntar ao autor do nosso: Que sabeis disso? Que é ilusão? Conheceis *Poe*? Não é juriconsulto, posto desse um bom juiz formador da culpa. Ora, *Poe* escreveu a respeito do povo: "O nariz do povo é a sua imaginação; por ele é que a gente pode levá-lo, em qualquer tempo, aonde quiser".<sup>15</sup>

Nessa tentativa de querer conquistar o leitor burguês, busca-se fazer relações entre a feitiçaria e outras práticas, como é o caso da cartomancia. Nessa prática de relação, o narrador evidencia o processo de pureza que está em torno da feitiçaria e, por outro lado, o da corrupção que acompanha as práticas de cartomancia. Ainda nesse fragmento, o narrador acaba agindo como leitor não apenas de seu entorno, mas também de livros, o que sugere ao leitor oitocentista a passar a examinar em outras fontes, pareceres acerca da feitiçaria, não ficando limitado à leitura feita pela elite da república carioca oitocentista.

Continuando sua luta em busca da persuasão do leitor burguês, o narrador busca usar um de seus últimos estratagemas para vencer seu leitor imaginário, aquele que realizará a leitura da discutida crônica. O narrador de **A semana** deixa claro que está doente e que está pensando em recorrer à feitiçaria, o que nos permite pensar, que trata-se na verdade em quebrar a imagem de marginalidade, ignorância e preconceito que imperava sobre as feiticeiras e àqueles que usavam dessas práticas: “E por estar

---

<sup>15</sup> ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Obra completa**. 5 ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1985, p. 647. vol. III.

doente, e com grandes desejos de acudir à feitiçaria [...]”.<sup>16</sup> Essa atitude do narrador em lançar mão da feitiçaria possibilita entender que o uso dessas práticas relê, inclusive, a pretensão da medicina em trazer para si o controle científico absoluto da cura, já que, nesse caso, a feitiçaria atuaria também, como uma ciência, ainda que essa ciência seja buscada, em sua grande maioria, para resolver problemas de ordem sentimental e amorosa.

Terminando a breve reflexão aqui proposta, o cronista recorre à velha ironia, para criticar ao comportamento retrogrado de estar fechado ao novo, prendendo-se apenas à conveniência do antigo, o qual sempre está dentro do controle e da disciplina (revisitando Foucault). Entretanto, para isso, o narrador toma para si a crítica – é um meio de não afugentar seu leitor, visto que esses assuntos eram discutidos de maneira pouco crítica:

[...] eu gosto particularmente dos meus velhos sapatos; os novos apertam os pés, enquanto que um bom par de sapatos folgados é como os dos próprios anjos guerreiros, Miguel, etc., etc., etc.<sup>17</sup>

Os sapatos podem ser lidos aqui como uma representação do tempo, em que o sapato velho traz a idéia de comodidade que provoca passividade e, o sapato novo, machuca, mas que é necessário e típico dos visionários que buscam construir um espaço melhor e mais democrático.

Portanto, diante do que foi proposto e exposto, podemos concluir que, numa sociedade em que a mordaza masculina sobre o feminino imperava, o narrador machadiano, agindo como leitor e transgressor, ressignifica esse espaço intervindo por meio de suas reflexões. Com isso, recorrendo às representações de profissões marginalizadas em suas histórias e dando voz e espaço a um coro de vozes femininas que eram silenciadas pelas mais diversas formas de poder hegemônico masculino, o narrador machadiano estabelecia diálogos transformadores com os leitores oitocentistas cariocas.

---

<sup>16</sup> ASSIS, Joaquim Maria Machado de. **Obra completa**. 5 ed. Rio de Janeiro: Aguilar, 1985, p. 647. vol. III.

<sup>17</sup> Ibid., p. 648.